



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Ana Cláudia de Andrade Pereira

**A História do Esporte Paralímpico e sua Contribuição para os Deficientes na
Sociedade: Uma Revisão Bibliográfica**

CAMPINA GRANDE – PB

2013

Ana Cláudia de Andrade Pereira

**A História do Esporte Paralímpico e sua Contribuição para os Deficientes na
Sociedade: Uma Revisão Bibliográfica**

Artigo apresentado em cumprimento às exigências de conclusão do curso de Licenciatura Plena em Educação Física, no Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Orientador: Professor Dr.. Álvaro Luís Pessoa de Farias

CAMPINA GRANDE – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

P436h Pereira, Ana Cláudia de Andrade.
 A história do esporte paralímpico e sua contribuição
 para os deficientes na sociedade [manuscrito] : uma
 revisão bibliográfica / Ana Cláudia de Andrade Pereira. –
 2013.
 19 f.

 Digitado.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
 Educação Física) – Universidade Estadual da Paraíba,
 Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2013.
 “Orientação: Prof. Dr. Alvaro Luis Pessoa de Farias,
 Departamento de Educação Física”.

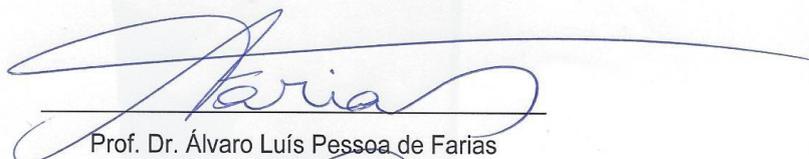
 1. Esporte paralímpico. 2. Inclusão social. 3.
 Deficiência física. 4. Educação física adaptada. I.
 Título.

21. ed. CDD 613.71

Ana Cláudia de Andrade Pereira

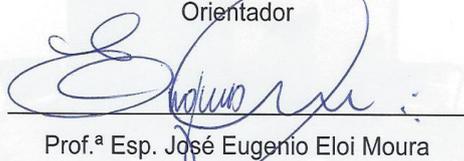
**A História do Esporte Paralímpico e sua Contribuição para os Deficientes na
Sociedade: Uma Revisão Bibliográfica**

Artigo aprovado em 29/08/2013



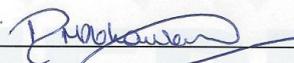
Prof. Dr. Álvaro Luís Pessoa de Farias

Orientador



Prof.ª Esp. José Eugênio Eloi Moura

Examinadora



Prof.ª Ms. Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino

Examinadora:

CAMPINA GRANDE – PB

2013

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pela conquista, aos meus pais pela compreensão da minha ausência em casa, a minha vó (Chica) Francisca Andrade pelo amor e carinho, ao meu irmão Antônio de Andrade Pereira que foi peça chave na minha vinda a Campina Grande-PB para cursar Educação Física, aos meus outros irmãos Cláudio Pereira de Andrade, Angeli de Andrade Pereira e Ângela Maria Pompeu, ao meu amor Vitor Manuel Taveira pela compreensão e pela paciência. Agradeço ao meu orientador Álvaro Luis Pessoa de Farias pela paciência e dedicação em minha orientação, sem ele não conseguiria concluir meu projeto.

Agradeço aos meus professores da Escola Cônego Machado e do Colégio Carlos Monteiro de Oliveira por terem participado da minha formação no ensino primário e secundário, ao meu amigo Bryan Kennedy por me ajudar em questões técnicas do meu projeto a minha amiga Sara Barbosa pela motivação da minha apresentação do projeto nesse semestre, agradeço a minha cunhada Danuzia Gomes, aos meus sobrinhos Andreza Andrade, Bruna Andrade, João Pedro, Mickael Andrade e Michel Andrade que são pessoas que amo, aos meus amigos que sempre estão presente comigo em bons e maus momentos Simone Gomes, Kelayne Ferreira, Denize Gomes, Flaviano Cirino, Maria da Conceição, Francinete Gomes , Sandra Gomes, Lizandra Francisca e Daniele Firmino.

Meu agradecimento também a senhora Francy Sinésio pelos bons conselhos e pelo acolhimento em sua casa sempre que precisei a Conceição Cabral por me receber me acolher em sua casa, Ana Lígia Maia pela amizade e confiança, a minha amiga Gilmária Basílio, pois sempre que precisei estive de portas abertas em sua casa e as muitas caronas que me deu quando de visita a nossa cidade natal Passagem- PB. Obrigada a todos.

A mente que se abre a uma nova ideia jamais
voltará ao seu tamanho original.

Albert Einstein

Resumo

Este estudo de cunho bibliográfico teve como objetivo, discutir sobre fatos históricos da inclusão dos deficientes na sociedade através do esporte paralímpico e analisar como a mídia vem tratando esse assunto. Segundo Andrade (2008) a integração dos deficientes físicos no esporte cria um sentimento de dignidade e autoestima, podendo também estimular as potencialidades de cada indivíduo, a educação física adaptada é tida como uma ponte para o esporte de rendimento ou como um momento de lazer. Para Andrade (2008) a falta de acessibilidade e oportunidade é responsável pela pequena participação de pessoas deficientes na sociedade, essa dificuldade fica clara quando observamos que tudo é elaborado para os ditos “normais”. Segundo o último censo em 2000 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) no Brasil há 24,6 milhões de pessoas que tem algum tipo de deficiência, definindo esses dados entre as regiões brasileiras à região sudeste é a que tem o menor número de deficientes com 13,1% e o nordeste ficando com a maior porcentagem de deficiente com 16,8% Duarte (2012) apud Mello (2012) o que pode causar o aumento de deficiência é relativo de cada país, o Brasil por ser um país em desenvolvimento onde a saúde pública é precária, o saneamento básico é precário, acidentes de trânsito, quedas e queimaduras tudo isso contribui para o aumento de deficiência. A segunda guerra mundial em 1944 ocasionou lesões corporais nos ex-combatentes, que tiveram de passar por modelos de reabilitações médicas e sociais. O esporte paralímpico teve inicio através do médico alemão Ludwing Guttamann que teve a ideia de usar práticas esportivas com o objetivo de reabilitar e socializar ex-combatentes de guerra. A parti do contexto histórico concluímos que o esporte paralímpico teve grande importância na historia da inclusão dos deficientes através do Dr. Ludwing Guttmann que disseminou a prática do esporte para os lesionados medulares com objetivo de reabilitar e socializar. Percebemos também que a falta de estruturas arquitetônicas ainda deixa a desejar impossibilitando o acesso dos deficientes em alguns lugares público, e que a mídia depois da criação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) passou a divulgar sobre o Esporte Paralímpico com uma imagem positiva sem termos estereótipos.

Palavras - Chave: Jogos Paralímpico, Educação Física Adaptada, Inclusão.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	5
2. OBJETIVOS	7
2.1. Objetivo Geral:	7
2.2. Objetivos Específicos:.....	7
3. CONTEXTO HISTÓRICO NO BRASIL	8
3.1. ESPORTE PARALÍMPICO.....	9
6. Discussão	12
7. CONCLUSÃO	15
REFERENCIAS	16

1. INTRODUÇÃO

Este estudo teve como objetivo discutir sobre fatos históricos da inclusão dos deficientes na sociedade através do esporte paralímpico e analisar como a mídia vem tratando esse assunto trata-se de uma pesquisa do tipo bibliográfica que segundo Gil (2010) aborda dados de artigos já publicados.

Na Idade Média os deficientes eram tidos como doentes físicos e mentais, mesmo assim na maioria das vezes sendo ignorados por alguns ou vivendo apenas da caridade de outros. Para Andrade (2008) a integração dos deficientes no esporte cria um sentimento de dignidade e autoestima, podendo também estimular as potencialidades de cada indivíduo, assim não poderíamos deixar de falar sobre a educação física adaptada que é considerada a porta de entrada para o esporte de rendimento ou apenas para um momento de lazer. Segundo (Costa (2012) apud Mello (2012) o esporte de rendimento é a manifestação esportiva que mais atrai os olhos da mídia e do público para os atletas, e ainda pode ser um meio de ganhar dinheiro. O esporte é adaptado para facilitar as limitações e possibilitar novas experiências ao deficiente físico além de proporcionar a integração com a sociedade, Castro (2005).

O esporte paralímpico teve início através do médico alemão Ludwig Guttmann que teve a ideia de usar práticas esportivas, com o objetivo de reabilitar e socializar ex-combatentes de guerra, Ludwig fugiu da Alemanha durante a segunda guerra mundial por causa da perseguição aos judeus e se refugiou na Inglaterra onde foi convidado pelo governo inglês para trabalhar no centro de lesionados medulares Stoke Mandeville na cidade de Aylesbury. Segundo Medola (2010) o esporte para indivíduos paraplégicos ou tetraplégicos oferece vários benefícios desde a melhora em sua autoestima como na qualidade física, a partir daí o esporte adaptado estava abrindo suas portas para o crescimento do esporte paralímpico, Guttmann realizava jogos esportivos que ficou conhecido como jogos de stoke mandeville no final de cada ciclo do tratamento dos ex-combatentes, cominando como o grande marco das paralimpíadas que ocorreu na cidade de Roma em 1960 quando o diretor do centro de lecionados medulares de ostia Antonio Maglia propôs ao governo italiano que os jogos de stoke mandeville fossem realizados no mesmo local que os jogos olímpicos, assim duas semanas a pós o

jogos olímpicos são realizados os jogos paralímpicos e isso é feito até os dias de hoje, deixando de se chamar jogos de stoke mandeville para se chamar jogos paralímpicos que quer dizer paralelo às olimpíadas. No final de 2011 o comitê paralímpico brasileiro (CPB) decidiu retirar da nomenclatura a letra “O” do nome esporte paraolímpico que passou a se chamar esporte paralímpico para haver o alinhamento da terminologia da palavra com os demais países de língua portuguesa Mello (2012).

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral:

Analisar o surgimento do esporte paralímpico e sua disseminação ao longo do tempo, e de como o mesmo contribuiu na inclusão dos deficientes na sociedade.

2.2. Objetivos Específicos:

- Possibilitar uma análise sobre a história dos deficientes
- Divulgar o esporte adaptado
- Verificar as contribuições do esporte paralímpico na vida dos deficientes

3. CONTEXTO HISTÓRICO NO BRASIL

No século XIX o Imperador Don Pedro II fundou no Rio de Janeiro o Imperial Instituto meninos cegos, que atualmente são Instituto Benjamim Constant e Instituto Nacional de Educação de Surdos.

Uma das principais barreiras a ser combatida na sociedade foi o fortalecimento do cristianismo que criou um conceito caritativo para os deficientes, os denominando de fracos e inferiores. “Faziam se todo o esforço terapêutico para que melhorassem suas condições de modo a cumprir as exigências da sociedade” (MÁRIO, 2010, p.16). Na Idade Média os deficientes eram tidos como doentes físicos e mentais, nessa época os cristãos os viam como criaturas de Deus, mesmo assim na maioria das vezes sendo ignorados por alguns ou vivendo apenas da caridade de outros.

Em 1999 foi publicada a política nacional para a integração da pessoa portadora de deficiência, que compreende o conjunto de orientações normativas que objetivam assegurar o pleno exercício dos direitos individuais e sociais das pessoas com deficiência (BUSTO, 2011, p.2402).

Essa política apenas reforça o que mais tarde seria o modelo de inclusão, onde pessoas deficientes pudessem usufruir os mesmos espaços arquitetônicos que pessoas normais, podendo vivenciar de forma adaptada. Conforme Busto (2011) em um momento de transição para o século XX foi criado modelos, até se chegar à inclusão dos deficientes, no modelo de institucionalização segregação onde foi criadas instituições como conventos e hospitais psiquiátricos para atender os deficientes, já no modelo de serviço integração foi atribuído à tentativa de integrar e buscar assemelhar os deficientes às pessoas normais, tendo estes que oportunizar o direito à cidadania independente da deficiência, no modelo de suporte inclusão os deficientes já usufruem dos mesmos direitos de pessoas normais, esse modelo trata a inclusão como um processo bilateral onde a população participa junto aos deficientes.

De acordo com Duarte (2003) a inclusão não pode ser apenas considerada na educação, mas que possa abranger uma larga e complexa tarefa para a sociedade em geral, um dos grandes feitos nos últimos trinta anos para os portadores de

deficiência foi passar de um paradigma de assistência social, para garantir os direitos humanos, pois os deficientes sempre foram reprimidos e escondidos da sociedade por seus familiares.

Segundo o último censo em 2000 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) no Brasil há 24,6 milhões de pessoas tem algum tipo de deficiência, dividindo esses dados por regiões a região sudeste é a que tem menos deficientes com 13,1% e no nordeste concentra-se a maior porcentagem de deficiente com 16,8% Duarte (2012) apud Mello (2012) o que pode causar o aumento de deficiência é relativo de cada país, o Brasil por ser um país em desenvolvimento onde a saúde pública é precária, o saneamento básico é precário, acidentes de trânsito, quedas e queimaduras tudo isso contribui para o aumento de deficiência.

As diferenças, hoje, devem ser encaradas como positivas e de fundamental importância na construção da identidade social dos seres humanos, pois é fator muito significativo para uma vida de respeito, aceitação, acolhimento, companheirismo, solidariedade e conhecimento (MARCOS, 2006, p.12).

Aos poucos os deficientes foram e estão conquistando os territórios que são seus por direito, seja o direito a estudar em escolas normais ou espaços de lazer, tudo isso fruto de muita luta e determinação. É preciso que os ditos “normais” não especifiquem apenas o físico como padrão de normalidade, a adaptação é também um processo fisiológico e nato do ser humano.

3.1. ESPORTE PARALÍMPICO

A Segunda Guerra Mundial em 1944 ocasionou lesões corporais nos ex-combatentes de guerra, que tiveram de passar por modelos de reabilitações médicas e sociais, o esporte paralímpico teve inicio através do médico alemão Ludwing Guttamann que teve a ideia de usar práticas esportivas com o objetivo de reabilitar e socializar os ex-combatentes de guerra.

Em 1944 o Dr Ludwing Guttamann iniciou um programa de reabilitação no hospital de Stoke Mandeville em Aylesbury na Inglaterra, usando o esporte como ferramenta na reabilitação em veteranos de guerra Parsons (2012) apud Mello,

2012) a partir daí o esporte adaptado estava abrindo suas portas para o crescimento do esporte paralímpico. Segundo Busto (2011) os jogos paralímpicos teve início com o objetivo de coroar um trabalho de atendimento as pessoas com deficiência no século XVIII e XIX.

Segundo Medola (2010) o esporte para indivíduos paraplégicos ou tetraplégicos oferece vários benefícios desde a melhora em sua autoestima como na qualidade física, a partir daí o esporte adaptado estava abrindo suas portas para o crescimento do esporte paralímpico. Guttmann realizava os jogos esportivos no final de cada ciclo do tratamento, o grande marco das paraolimpíadas ocorreu na cidade de Roma em 1960 quando o diretor do centro de lesionados medulares de Ostia Antonio Maglia propôs ao governo italiano que os jogos de Stoke Mandeville fossem realizados no mesmo local que os jogos olímpicos, assim duas semanas após os jogos olímpicos são realizados os jogos paralímpicos e isso é feito até os dias de hoje, deixando de se chamar jogos de Stoke Mandeville para se chamar jogos paralímpicos que quer dizer paralelo às olimpíadas.

No final de 2011 o comitê paralímpico brasileiro (CPB) decidiu retirar da nomenclatura a letra “O” do nome esporte paraolímpico que passou a se chamar esporte paralímpico para haver o alinhamento da terminologia da palavra com os demais países de língua portuguesa Mello (2012).

A classificação dos deficientes físicos nos primeiros jogos em 1944 pelos médicos era feita de acordo com a lesão medular se era completa ou incompleta Freitas (2012) apud Mello (2012), segundo (Strohkendel, 1996 apud Castro, 2005) o fato de não incluir nos jogos outros tipos de deficiência era pela dificuldade de classificação do esporte por ter atletas que apresentavam vantagens sobre o outro, de acordo com o educador físico Horst Strokhendl em sua tese de doutorado a classificação funcional foi feita de acordo com a severidade de cada deficiência, sendo possível que outros atletas com outros tipos de deficiência participassem das competições oficiais, sendo que cada comitê de esporte classifique seus atletas para evitar a pouca participação em determinadas provas.

O grande marco das paraolimpíadas foi em 1958, quando o governo italiano preparava-se para sediar as olimpíadas em 1960 em Roma, o então diretor do centro de Lesionados Medulares de Ostia, Antonio Maglia, propôs que os jogos de Stoke

Mandeville de 1960 se realizassem em Roma, após as olimpíadas (GONZALES, 2005, p. 806).

No Brasil em 1958 o esporte direcionado a portadores físicos teve início com o brasileiro Robson Sampaio que trouxe dos Estados Unidos à novidade, e decidiu fundar na cidade do Rio de Janeiro o 1º clube de esporte para deficientes físicos que se chamava clube do otimismo Brazuna (2011) já o clube dos paraplégicos em São Paulo (CPSP) foi fundado pelo brasileiro Sérgio Serafim Del Grande, os treinos de basquete em cadeira de rodas, só iniciaram em 28 de julho de 1958, data escolhida para homenagear aos dez anos dos Jogos de Stoke Mandeville.

Em 1972 na Alemanha o Brasil teve sua primeira participação nos Jogos Paralímpicos, mas a primeira medalha de prata só veio em 1976 com os brasileiros Robson Sampaio de Almeida e Luís Carlos da Costa na categoria dupla no Lawn Bowls esporte semelhante a Bocha Busto (2011) o esporte pode ser considerado uma ferramenta na inclusão dos deficientes como também um método de tratamento, uma das características que difere os jogos olímpicos dos paralímpicos é que os atletas paralímpicos são classificados de acordo com sua deficiência e não por sua modalidade, Vital (2007), os atletas paralímpicos são deficientes paraplégicos, tetraplégicos, amputados, cegos, indivíduos com paralisia cerebral e atleta que não estão encaixados nas categorias anteriores, Castro (2005).

Não diferente dos atletas olímpicos os atletas paralímpicos também precisam ter boas condições de treinamento e principalmente o fator psicológico que auxilia na condição emocional, fatores estes que pode vir a alterar o nível de desempenho dos atletas, Samulski (2002), o mais importante é que mesmo possuindo algum tipo de deficiência os deficientes perceberam que através do esporte adaptado suas limitações podem ser superadas e transformadas em sonho paralímpico.

A Lei nº 8672, de 6 de julho de 1993, (Lei Zico) foi quem viabilizou a criação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) que desde sua criação em 9 de Fevereiro de 1995 pôs o esporte paralímpico em um patamar bem considerado no ranking mundial, já a Lei nº 10.264/2001, (Lei Agnelo/ Piva criada para possibilitar o repasse continuado das Loterias Caixa Econômica Federal, sendo que 85% destinado ao esporte olímpico e 15 % para o esporte paralímpico brasileiro, Scheid (2012) apud Mello (2012). Esse repasse é muito importante para o esporte paralímpico pois havia pouco patrocínio para a expansão do esporte para portadores de deficiência.

6. Discussão

Para fins desse trabalho a discussão vai ser centralizada no contexto histórico e na mídia, na transmissão dos jogos paralímpicos podemos observar que houve um aumento significativo das publicações exaltando os atletas paralímpico, segundo Figueiredo (2005) a mídia é quem comanda os fatos e a cobertura dos jogos olímpicos, deixando assim os jogos paralímpicos retidos a meras chamadas quando um atleta conquista uma medalha por ter superado sua deficiência através do esporte, mas o esporte pode ir mais além, quando insere essas pessoas na sociedade através da valorização e do mérito quando um atleta paralímpico conquista medalhas para seu país.

Infelizmente o poder se detém a mídia que é quem fornece as transmissões das olimpíadas e tem como prioridade destacar os melhores atletas olímpicos, claro que por traz da mídia existem os patrocinadores que são peças chaves de todo o sucesso do evento esportivo.

Com a finalidade de que o movimento paraolímpico tivesse ampla divulgação e maior valorização, o CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro), numa estratégia ousada e inédita no país, contratou a produtora de vídeo Íntegra Produções coordenada por Marcos Malafaia, para captar editar e transmitir gratuitamente imagens dos jogos de Atenas, para as emissoras brasileiras interessadas (FIGUEIREDO, 2005, p.08).

Em pesquisa feita por Novais (2010) em relação a divulgação da mídia digital Brasileira e Portuguesa aos jogos Olímpicos e Paralímpicos, percebeu que a mídia ao divulgar conquistas de atletas olímpicos utiliza de termos estereótipos, citados como exemplos o site brasileiro Globo.com para a brasileira Maurren Maggi, "(...) melhor atleta de todos os tempos" (22/08/2008). No site Português Diário Digital, divulga sobre o atleta olímpico Nelson Évora, "Sempre muito bem disposto, bom amigo, e muito humilde" (21/08/2008). Sobre o atleta Português Paralímpico João Paulo Fernandes no (Diário Digital, 10/08/2008) diz "é muito difícil ter o atleta Paraolímpico a treinar". O site brasileiro UOL (07/09/2008) divulga sobre o atleta paralímpico Daniel Dias "Não foi fácil conquistar a medalha".

Nota-se uma diferença quando a noticia se refere a atletas paralímpicos e atletas olímpicos, a utilização de termos genéricos podem influenciar criando um

uma imagem negativa do paraatleta, diferente das publicações portuguesas a maior parte da mídia brasileira tentou favorecer o atleta paralímpico como favorito ao ouro, no site (Globo.com, 10/09/2008) diz “garoto de ouro do Brasil”.

Quando começam a ter sucesso no esporte, a sociedade reconhece que além de um atleta, o indivíduo é um cidadão potencialmente representante do orgulho da instituição de filiação (e.g., clube, cidade, estado ou país) (BRAZUNA, 2001, p.116).

Para Novais (2010) o Brasil se destaca por sua divulgação digital em 65% em relação a Portugal, essa vantagem se reflete graças ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) criado em 9 de fevereiro de 1995, que há mais de 14 anos contribui uma imagem sólida para imprensa brasileira. Já em Portugal o Comitê Paraolímpico foi criado recentemente em 2008, assim podemos ter uma ideia da valorização dos paraatletas ser maior no Brasil que em Portugal.

Atualmente, existem inúmeras associações que compõe o Comitê Paraolímpico Brasileiro, essas entidades têm como objetivo incentivar o esporte para pessoas com deficiência e organizar o desporto em nível de competições regionais, nacionais internacionais. (COSTA; SOUSA, 2004, BRAZUNA; CASTRO, 2001 apud BARROZO, 2012, P.19).

Em se tratando do esporte paralímpico todas as modalidades existentes são vinculadas ao Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB) que é o principal órgão responsável pelas demais associações nacionais de desportos brasileiros. Para enriquecimento do nosso estudo sobre esporte paralímpico iremos expor alguns trechos interessantes do artigo: A Expressão de uma Atividade Esportiva: O Desporto para Cegos, publicado por Almeida (2007) onde ele entrevista o expedagogo e ex-jogador paralímpico e atual presidente da Comissão Brasileira de Desportos para Cego, David Faria Costa. Foram emitidas as seguintes perguntas:

1) Como você ficou deficiente visual?

“(...) Nasci cego por conta de um glaucoma congênito”.

2) Como foi crescer e viver em uma sociedade, repleta de preconceito com sua limitação?

“(...) Mesmo tendo nascido cego, nunca me intimidei; vim para São Paulo, cursei Pedagogia e dei aulas por 4 anos. A paixão pelo esporte para deficientes me fez

deixar de jogar bola e de dar aulas para me dedicar a Associação Brasileira de Desporto para Cegos. (fui jogador por 10 ano). As limitações e preconceitos existem, mas cabe a nós, deficientes lutar para vence-los.”

3) Onde e como você começou a conviver com o esporte?

“(…) Comecei a conviver com o esporte no Instituto Padre Chico, a escola para cegos em que estudei. O esporte fazia parte das aulas de Educação Física e sempre na hora do intervalo jogava bola com os amigos. Entrei para o time da escola e me profissionalizei no futebol”.

Segundo Castro (2005) Através do esporte adaptado são dadas novas experiências aos deficientes e ainda de contribui na inserção os deficientes a uma sociedade sem preconceito.

7. CONCLUSÃO

Concluimos que o esporte paralímpico teve grande importância na história de inclusão dos deficientes através do Dr. Ludwig Guttmann que disseminou a prática do esporte para os lesionados medulares e entre outras deficiências com objetivo de reabilitar e socializar, além de proporcionar autoestima aos deficientes.

Percebemos também que a demanda das estruturas arquitetônicas ainda impossibilita o acesso dos deficientes em alguns lugares públicos, e que a mídia depois da criação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) passou a divulgar sobre o Esporte Paralímpico com uma imagem positiva sem termos estereótipos.

REFERENCIAS

ALMEIDA, de José Julio Galvão. A Expressão de uma Atividade Esportiva: O desporto para Cegos. **Revista Conexões**, v. 5, n. 1, 2007.

ANDRADE, Alexandre. A psicologia do Esporte Aplicada a Atletas Portadores de Necessidades Especiais: Reflexões Epistemológicas, Filosóficas e Práticas. Buenos Aires, **Revista Digital**, junho, 2008.

BARROZO, Amanda farias. Acessibilidade ao Esporte, Cultura e Lazer para Pessoas com Deficiência. Caderno **de pós-graduação em distúrbios do desenvolvimento**, São Paulo, v. 12, 2012.

BRAZUNA, Rodrigues Melissa. A trajetória do Portador de Deficiência Física no Esporte Adaptado de Rendimento: Uma Revisão Literária. Disponível em: <<http://www.asdef.com.br/innova/assets/artigos/turismo004.pdf>>. Acesso em: 16/05/13.

BUSTO, Marques Rosângela. **A Deficiência e o Esporte Paraolímpico**. VII encontro da associação brasileira de pesquisadores em educação especial, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2011/esporte/222-2011.pdf>>. Acesso em: 20/05/13.

CASTRO, Mauerberg Eliane. **Atividade Física Adaptada**. Cidade: São Paulo Tecmedd, 2005.

DUARTE, Edilson. Livro: **Atividade Física para Pessoas com necessidades Especiais: Experiências e Intervenções Pedagógicas**. Cidade: Rio de Janeiro, editora, Guanabara, 2003.

FEITEN, Gabriel. **A Influência do Esporte Sobre as Habilidades Sociais de Cadeirantes**, 2010. Disponível em: <<https://psicologia.faccat.br/moodle/pluginfile.php/197/course/section/98/gabriel.pdf>> Acessado em: 10/06/13.

GIL, Antônio Carlos. Livro: **Como elaborar projetos de pesquisa**. Cidade: São Paulo, editora Atlas, 2010.

GLAT, Rosana. Livro: **A Integração Social dos Portadores de Deficiência**. São Paulo: Editora Manole, 1995.

GONZALES, da Silva Jane. **Os Jogos Paraolímpicos: O Contexto Histórico e Atual**, 2005. Disponível em: < <http://olympicstudies.uab.es/brasil/pdf/91.pdf>>. acessado em: 22/06/13.

GORLA, J. I. Correlação da Classificação Funcional, Desempenho motor e Comparação Entre Diferentes Classes em Atletas Praticantes de Rugby em Cadeira de Rodas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, 2012.

MARCO, de Ademir. **Educação Física: Cultura e Sociedade**. Ed. 2. Cidade: São Paulo. Editora: papirus 2006.

MARTINS, Mário. Livro: **História do Movimento Político das Pessoas Portadoras de Deficiências no Brasil**, 1995. Disponível em: <[http://www.adiron.com.br/site/uploads/File/Movimento\(1\).pdf](http://www.adiron.com.br/site/uploads/File/Movimento(1).pdf)>. Acessado em: 29/06/13.

MEDOLA, Orsi Fausto. A lesão Medular e o Esporte Adaptado em Cadeira de Rodas, Buenos Aires, **Revista Digital**, n. 143, Abril, 2010.

MELLO, Túlio de Marcos. Livro: **Esporte Paralímpico**. Cidade: São Paulo, editora Ateneu, 2012.

NOVAIS, Alexandre Rui. A visão Bipolar do Pódio: Olímpicos Versos Paraolímpicos Na Mídia Online do Brasil e de Portugal. **Comunicação e esporte**, v. 17, n. 02, 2º semestre, 2010.

SAMULSKI, Dietmar. Perfil Psicológico de Atletas Paraolímpicos Brasileiros. **Revista Brasileira de Medicina e Esporte**, v. 18, n. 4, jul/ago, 2002.

VITAL, Roberto. Lesões Traumato-Ortopédicas nos Atletas Paraolímpicos. **Revista Brasileira de Medicina e Esporte**, v. 13, n. 13, Mai/Jun, 2007.